

## 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

30 years of political and social reporting in press of Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* and *O Comércio do Porto*

### Liliana Mesquita Machado

Investigadora em Ciências da Comunicação – Teoria e História do Jornalismo; membro do Centro de Investigação Média e Jornalismo; mestre e doutoranda em Ciências da Informação, pela Universidade Fernando Pessoa (UFP), Porto, Portugal.

#### Resumo

Com o avanço do webjornalismo, discute-se o futuro da imprensa. Para conhecer o futuro da imprensa escrita, é necessário conhecer o seu passado – neste caso, o passado da reportagem (género que nasceu no seio da imprensa). Para compreender a reportagem na imprensa escrita, desenvolveu-se um estudo quantitativo de 30 anos de reportagens político-sociais nos jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* (1974/2004). As reportagens selecionadas têm um cariz político-social, assumindo o panorama histórico de Portugal a partir do 25 de abril de 1974.

**Palavras-chave:** reportagem; imprensa escrita; tipos de reportagens; géneros jornalísticos.

#### Abstract

With the development of Web journalism we can start thinking about the future of the press. To know the future you need to know its past, the report's past (genus that comes with the press). To understand the story of the press, a quantitative study of 30 years of reporting was developed in the *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* and *O Comércio do Porto* (1974/2004). The stories selected for this study have a political and social nature, related with historical background of Portugal from April 25th, 1974.

**Keywords:** reporting; press; types of reports; journalistic genres.

## 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

### 1. A reportagem e a imprensa escrita

O estudo “30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto” tem por objeto três jornais portugueses: *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, alvos de uma análise quantitativa, onde são tratados os dados referentes aos tipos de reportagem, aos temas mais abordados, ao espaço dedicado à reportagem. Assim, as perguntas de investigação que orientaram a base deste estudo são as seguintes:

- 1) Que espaço dão os três jornais à reportagem?
- 3) Que temas interessam mais aos jornais sob foco?
- 4) Quais os tipos de reportagem mais usados pelos jornais em estudo como meio para informar?

O presente trabalho tem assim como *corpus* um total de 468 jornais. Esta aplicação foi tida como amostra por se considerar que os períodos a seleccionar permitem conhecer a evolução da reportagem e daí tirar as conclusões pretendidas. Para o tratamento e a apresentação dos dados estatísticos, recorreu-se à utilização de tabelas e gráficos.

São objetivos deste trabalho destacar a reportagem escrita, as suas características enquanto género jornalístico, quais os tipos de reportagens existentes e que podem ser usados em imprensa escrita. A análise de 30 anos de reportagem nos três jornais do Porto poderá ajudar o enquadramento histórico deste género, observando e documentando a sua evolução ao longo dos anos nos jornais em estudo.

A reportagem permite uma certa dose de criatividade no enfoque do tema e na redação do texto, e é dos poucos, se não o único, géneros jornalísticos que possibilitam uma relação direta com a realidade, usando critérios de aproximação do leitor com os factos e com os acontecimentos.

A nova era da comunicação – a era digital – tem sido vista como uma ameaça constante para a imprensa escrita.

- A reportagem tem sido um dos géneros jornalísticos mais importantes para a imprensa escrita?
- Que motivações ela traz para a continuidade deste meio de comunicação?

Estas perguntas surgem como ponto de interesse e como mola impulsadora para que se saiba a importância da reportagem na imprensa escrita ao longo dos anos. É importante conhecer a sua história, o seu passado, a fim de se perceber que espaço ela terá no futuro. É relevante tentar descobrir se a reportagem foi e tem sido a grande heroína da era tradicional do jornalismo e se, apesar da era webjornalismo, a reportagem, enquanto género jornalístico, ainda resgata o interesse do espectador para a leitura de jornais.

A reportagem, juntamente com a crónica, enquadra-se nos géneros narrativos, porque são géneros jornalísticos que se

expandem na linguagem, deixam de ter uma função meramente informativa para se alargarem a factos secundários, narrando um acontecimento com minúcia. Ainda assim, há autores que encaixam a reportagem, a par com a notícia, nos géneros informativos: “O mesmo não acontece com os géneros de carácter informativo, como a notícia e a reportagem” (FRANCESCHINI, 2004: 147), que, ao falar destes dois géneros, destaca-os dos restantes em termos de preferência do público.

O que chama a atenção da maioria do público – acreditam os jornalistas –, o que vende jornal, é a novidade anunciada pela notícia, é a revelação feita pela reportagem. A simples observação das primeiras páginas estampadas em qualquer banca de jornais permite constatar que são a reportagem e especialmente a notícia os géneros que os veículos pressupõem ser os de maior consumo, de maior impacto junto ao público. (FRANCESCHINI, 2004: 147).

Considerando-se a classificação inicial, os géneros jornalísticos estão divididos em quatro categorias: os géneros informativos (notícia), géneros dialógicos (entrevista), géneros argumentativos de opinião (editorial e o artigo) e géneros narrativos (reportagem e crónica).

“A reportagem é o género nobre do jornalismo uma vez que exige o domínio de todos os outros géneros jornalísticos, de cuja síntese depende em última instância” (CAMPOS, 1994: 42). Ora, se para alguns autores a reportagem é o género nobre, para outros é, dentro do jornalismo, o género por excelência: “se a notícia é o género básico do jornalismo, a reportagem é o género jornalístico por excelência” (SOUSA, 2004: 97).

E, apesar de estarem colocados, por alguns autores, nos géneros informativos, a verdade é que reportagem e notícia estão sempre a ser comparadas pelas suas qualidades distintas dentro do jornalismo:

Em primeiro lugar, a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. Enquanto a notícia é imediatista, (...) a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente (...). (FRANCESCHINI, 2004: 150)

A reportagem é uma técnica de informação elaborada, pois exige muito do jornalista. É necessário ao jornalista um profundo conhecimento do assunto ou acontecimento a tratar. A reportagem é uma técnica de informação que exige investigação. Não existe conhecimento profundo se não houver uma investigação detalhada do acontecimento a relatar. Praticar a reportagem é submeter o jornalista a um incessante trabalho de campo e pesquisa. A reportagem alude a ações verdadeiras, o seu objetivo é contar um acontecimento, dá-lo a conhecer na íntegra, fazer entender essa

## 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

mesma realidade. Ela integra a categoria dos géneros narrativos por tudo isto, porque relata acontecimentos com pormenor, de forma mais elaborada e mais expansiva. A reportagem envolve personagens reais, com ações reais, e tem como função principal explicar o que se passa realmente. A reportagem é “um género jornalístico bem definido, tem o papel de informar de maneira diferente. Para alcançar este objetivo, faz que o leitor viva no coração do acontecimento” (BOUCHER, 2004: 9). A reportagem deve aproximar-se da imagem fotográfica, quer isto dizer que o uso da linguagem para comunicar deve pormenorizar o acontecimento de forma a dar uma imagem quase real do sucedido.

A reportagem é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que imerja o leitor na história. (SOUSA, 2004: 97).

A reportagem tem como função dar vida às personagens (reais) para que o leitor as sinta próximas. Um repórter deve, para além de informar, recriar o acontecimento no imaginário do seu receptor, como um filme sem imagem, mas sem perder de vista a realidade da ocorrência. Aliás, é a função da reportagem conseguir surpreender e espantar o leitor. Um velho tema pode sempre ser o mote para uma nova reportagem e, apesar de o tema estar esgotado, a reportagem tem essa capacidade, desenterrar factos novos que espantem o leitor. Em reportagem, os acontecimentos são relatados sob uma certa perspectiva; “de que ângulo vai o jornalista contar o que viu e ouviu? (...) o ângulo não é o assunto. O ângulo é a forma.” (BOUCHER, 2004: 31), o modo escolhido para reportar, ou seja, o panorama que o repórter vai escolher para dar uma visão do acontecimento ao leitor, para focar o assunto.

### 1.1 Tipos de reportagem

São diversas as funções da reportagem e mais variadas são as suas tipologias. Para melhor entender a reportagem na imprensa escrita, como ela evoluiu ao longo dos tempos, é necessário perceber a sua tipologia e como ela é aplicada na prática de acordo com o tema, e o espaço em que a reportagem surge.

Teremos que fazer desde já uma distinção: reportagem longa e reportagem curta. Reportagem longa a que por si constitui um livro; reportagem curta, a notícia desenvolvida num jornal. Claro que o nome reportagens era válido para ambos os casos, porque ambos reportam, só a extensão é diferente. Exemplo de reportagens longas temos as das viagens. Mas perguntamos: o viajante é repórter? Nós cremos plenamente que sim. O viajante que anota num caderno as suas impressões de viagem registrou o que viu não com a intenção, sabemos bem, que faz nascer o género, mas o

que faz eclodir o fenómeno. Há, no entanto, o repórter intencional e o reporter accidental. O repórter intencional visa [a] um fim utilitário que poderá redimir se for artista. O accidental tem o frescor da coisa encontrada sem o cansaço da busca (ARAÚJO, 1946: 32).

Para o estudo da reportagem na imprensa escrita do Porto, foram considerados os tipos de reportagem descritos a seguir.

#### A reportagem objetiva

Tipo que fornece informação sobre determinado acontecimento ou ação. Faz a descrição de factos, mas não se expande muito quanto à linguagem. É, tal como o nome sugere, objetiva.

#### A reportagem interpretativa

Este género faz a interpretação e a análise dos factos e dos acontecimentos numa história. Faz a exposição dos acontecimentos e analisa-os, apresentando os factos tal como são.

#### A reportagem argumentativa

Um artigo ou comentário num editorial, num folheto, numa coluna informativa ou revista. Este género de reportagem apresenta uma atitude de persuasão e de opinião. Argumenta ideias e motivos.

#### A reportagem no local

Atua contra a banalização da informação. Este tipo de reportagem dá vitalidade a uma crónica local. Consegue conduzir o jornalista para fora da banalidade, expulsa a rotina da atividade jornalística, afastando-a também do leitor. Quando se lhe é dada a devida importância, a reportagem no local poderá ser posta em prática com frequência.

#### A reportagem quente

Define-se reportagem quente o acontecimento imprevisto ou o acontecimento previsto, mas cuja transmissão tem de ser imediata. Designa-se por reportagem quente por se fazer servir do “calor do momento”, do imediato, dos acontecimentos “em cima do joelho”, que acontecem sem estar previstos. Neste tipo de reportagem, o repórter tem de estar mentalmente e intelectualmente preparado para saber dar respostas ao rápido desenvolvimento dos acontecimentos. Agir é a palavra imediata que surge na cabeça do jornalista perante os acontecimentos, e, como tal, ele reage aos factos confeccionando uma reportagem de improviso.

## 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

### A reportagem morna

Este tipo de reportagem pode ser desenvolvido em três fases.

Quando um acontecimento foi tema de uma notícia urgente e rápida, e há a necessidade de mais tarde voltar a ela no formato de reportagem, a esta fase designa-se reportagem em deferido.

Esta segunda fase ocorre quando um jornalista é destacado para executar uma reportagem sobre um acontecimento que já está em curso. Por exemplo, quando do *tsunami* que assolou o sudeste asiático, o repórter apenas chegou ao local no segundo dia da catástrofe.

A terceira fase ocorre quando há um acontecimento que perdura e que apresenta desenvolvimentos importantes. Nesta fase, o acontecimento deverá ser acompanhado diariamente, tendo em conta a preparação detalhada da reportagem, quanto à linguagem e, principalmente, à escolha do ângulo ou ângulos. Para evitar a repetição, será necessário proceder à mudança diária de ângulos.

### A reportagem fria

Este tipo de reportagem diz respeito aos acontecimentos previstos, como as eleições, um julgamento e o lançamento de um livro, por exemplo, ou a reportagem que precede acontecimentos televisivos, como concursos, programas culturais ou debates políticos.

### A reportagem de revista

É necessário entender o que é reportagem de revista para explicar qual a sua função. “Na maior parte dos casos, o termo designa uma reportagem que não está directamente ligada ao acontecimento do dia, mas à qual se tentará dar uma faceta da actualidade.” (BOUCHER, 2004: 22). Isto quer dizer que não tem de ser necessariamente novidade a essência do tema; no entanto, a forma como é tratado o conteúdo pode conferir novidade ao tema. Normalmente, a reportagem de revista trata o acontecimento ou tema já conhecido e abordado, oferecendo novidade no conteúdo. A reportagem de revista pode estar destinada a uma secção da revista como saúde, cinema, lazer e economia, por exemplo, dentre outras. Em algumas redações, o próprio termo “revista” cobre, sobretudo, um modo de tratamento da reportagem. “Um estilo, um tom, uma escrita de revista” (BOUCHER, 2004: 22).

### A reportagem de “sequência”

Neste tipo de reportagem, a informação é desenvolvida algum tempo depois do acontecimento. Isto quer dizer que, mesmo um mês, dois ou três depois de uma catástrofe, aci-

dente ou crime ter acontecido, a reportagem pode servir-se dele ainda para informar. Como o próprio nome sugere, este tipo de reportagem surge na sequência do acontecimento ou, até mesmo, de outras reportagens. Geralmente, este tipo de reportagem é negligenciado pelos meios de comunicação social. Mas a reportagem de “sequência” pode ajudar a conduzir uma reflexão ou a estabelecer um balanço. Pode funcionar como uma espécie de ponte entre outras reportagens atuais, e então o repórter serve-se dela como instrumento de ligação de forma a estabelecer uma sequência.

### A reportagem intemporal

É o tipo de reportagem que está mais atento a “um assunto referente à vida de todos os dias ou às preocupações constantes dos leitores.” (BOUCHER, 2004: 21). Esta modalidade de reportagem aborda a atualidade nunca escaldante, mas muito perto, sempre de boa temperatura. Pode-se dizer que se coloca entre o interessante e o secundário. Interessa-se pela história do operário com problemas de perder o emprego, com histórias de racismo, dentre outras tantas do género.

### A reportagem relocalizada

Como o próprio nome sugere, este tipo de reportagem refere-se ao local. Já todos ouviram falar de reportagem no local; pois bem, é exatamente o mesmo. Um acontecimento em nível nacional ou até internacional oferece a ocasião perfeita para uma reportagem no local. Como a recente guerra entre os Estados Unidos da América e o Iraque, os atentados em Madri, recentemente o falecimento do Papa João Paulo II, por exemplo, dentre outros. Tudo isto oferece uma oportunidade para uma reportagem relocalizada.

### A reportagem novelística

Um termo adotado por Albert Chillón (*apud* ARRANZ, 2000: 64) e que define um tipo de jornalismo literário, preocupado em relatar feitos, muitas vezes fictícios. Este tipo de reportagem é muitas vezes caracterizado pela simbiose de dois géneros diferenciados histórica, morfológica e funcionalmente: dividida entre a reportagem meramente informativa e a novela de ficção. Por vezes, neste tipo de reportagem, aquilo que é ou não informação fidedigna é confundida (BOUCHER, 2004: 21).

A organização interna do texto diferencia três tipos fundamentais de reportagem: de acontecimento, de acção e documental, que Carl Warren denominava de *fact story*, *acción story* e *quote story*<sup>1</sup> (ARRANZ, 2000: 64).

<sup>1</sup> “(...) la organización interna del texto se diferencian tres tipos fundamentales de reportajes: de acontecimiento, de acción y de citas, que Carl Warren denominaba *Fact story*, *Acción story* y *Quote story*”.



**30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*****Reportagem de fatos (*fact-story*)**

É um relato objetivo dos acontecimentos, que obedece, na redação do texto, à forma da pirâmide invertida. Tal como na notícia, os factos são narrados em sucessão, por ordem de importância.

**Reportagem de ação (*action-story*)**

Relato mais ou menos movimentado dos acontecimentos, que começa sempre pelo facto mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, neste tipo de reportagem, é o desenrolar dos acontecimentos de forma enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme.

**Reportagem documental (*quote-story*)**

É o relato documentado, que apresenta os elementos de forma objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. É um tipo de reportagem mais utilizado no jornalismo escrito, é expositiva e aproxima-se da pesquisa (SODRÉ & FERRARI, 1986: 45).

São diversas as formas para classificar as reportagens; no entanto, “esta classificação não pode ser entendida como um sistema rígido” (SOUSA, 2004: 188).

**Quanto à origem**

Reportagem de rotina: reportagem do dia a dia.

Reportagem imprevista: reportagem sobre um acontecimento imprevisto.

Reportagem planificada: reportagem agendada e planeada com antecedência.

**Quanto à enunciação**

Reportagem na primeira pessoa: escrita na primeira pessoa, evidencia a perspectiva pessoal do repórter.

Reportagem na terceira pessoa: o repórter assume uma perspectiva de observador externo da realidade.

**Quanto ao tipo**

Reportagem de acontecimento: aqui o tema central é um acontecimento e a sua conjuntura.

Reportagem de personalidade: onde o tema central é uma pessoa que relata a sua vida ou o seu dia a dia.

Reportagem temática: aborda um determinado tema central, por exemplo, reportagem desportiva, reportagem científica etc.

Reportagem mista: integra numa única peça vários elementos dos tipos de reportagens anteriores.

**Quanto ao tamanho**

Reportagem curta: de pequena dimensão.

Grande reportagem: de grande dimensão, podem ocupar várias páginas de um jornal ou de uma revista ou podem ser subdivididas em várias peças mais pequenas.

**Quanto às características estéticas e formais**

Reportagem narrativa: o jornalista conta uma história.

Reportagem descritiva: caracteriza pessoas, acontecimentos, fenómenos, objetos ou lugares.

Reportagem explicativa: explica um facto difícil de compreender.

Reportagem de citações: baseia-se em citações de terceiros.

Reportagem mista: integra numa única peça vários elementos dos tipos de reportagem anteriores.

**Quanto à linguagem**

Reportagem informal: o jornalista usa um tipo de linguagem informal, coloquial.

Reportagem formal: o jornalista usa uma linguagem formal.

Reportagem técnica: reportagem sobre um tema, especializada e que utiliza um vocabulário técnico (SOUSA, 2004: 188).

Estes são os vários tipos de reportagem que trabalham para um objetivo comum: dar informação. No entanto, é preciso ter muita atenção às falsas reportagens. Estas iludem quanto à forma. Principalmente, quando o assunto a tratar é política. Surge, então, em vez de reportagem, a análise dos factos. Em vez reportar acontecimentos, os jornalistas limitam-se a fazer a análise de gráficos, das sondagens etc. Os jornalistas especializados na área limitam-se a comentar factos e a efetuar análises. Outro tipo de falsa reportagem é o inquérito de rua. O inquérito de rua é uma “mistura de reportagem e de entrevistas à imprensa (...)”. (BOUCHER, 2004: 24). Este género é pouco informativo, resume-se à recolha de ideias e opiniões. Falsas reportagens podem conduzir o leitor a informações incompletas e limitadas.

**2. Evolução da reportagem na imprensa portuguesa (1974-2004)****2.1 Gestão do espaço dedicado à reportagem (1974-2004)**

Para perceber como é aproveitado o espaço nas páginas destinadas às reportagens, foram analisados o espaço que

**30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto***

ocupa o texto, as fotografias, outras ilustrações (gravuras, desenhos ou infografia), as legendas e as margens em branco. Deste modo, será possível perceber qual destas categorias adquire mais importância, em termos de espaço, nas páginas dos jornais em que são publicadas as reportagens. No Gráfico 2.1, é possível verificar a evolução desta preferência ao longo dos 30 anos, embora os dados estejam divididos por décadas.

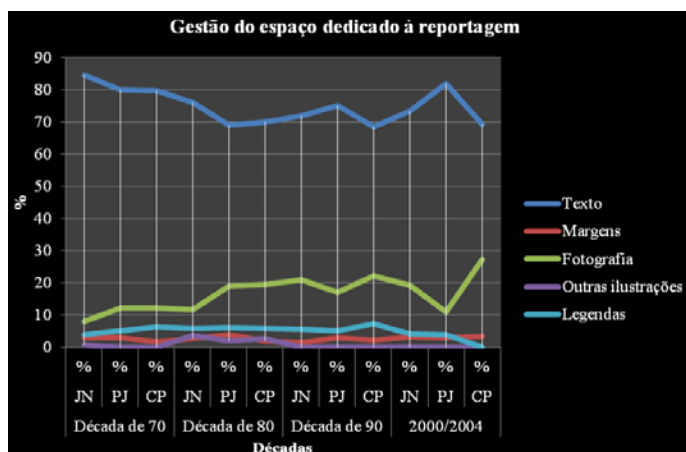


Figura 2.1: Gestão do espaço dedicado à reportagem – 1974-2004

Durante a década de 1970, os três jornais mostraram-se muito semelhantes quanto à distribuição do espaço da reportagem. Destacou-se o *Jornal de Notícias*, que deu mais espaço ao texto em relação à fotografia e foi também o único que, nesta década, utilizou outro tipo de ilustração (infografia ou desenhos) para acompanhar os textos das suas reportagens que não as fotografias. Na década de 1980, o *Jornal de Notícias* (JN) continuou a destacar-se por manter a proposta de dar mais espaço ao texto do que à fotografia e permaneceu também na linha da frente quanto ao uso de outras ilustrações para informar visualmente os leitores. Ainda assim, os restantes dois jornais também deram mais espaço ao texto em relação à fotografia e, da mesma forma, nos anos 1980, já começaram a usar outro tipo de ilustrações que não as fotos, o que não foi registrado nos anos da década de 1970 estudados. Esta tendência pode ter sido reflexo de um público mais exigente, que procurava complemento ao texto para se manter informado. Já na década de 1990, foi *O Primeiro de Janeiro* quem se destacou na cedência de mais espaço ao texto do que à fotografia e *O Comércio do Porto* começou a privilegiar a imagem como suporte de informação. Ainda assim, os três jornais ficaram muito próximos na gestão do espaço da reportagem nas suas páginas na década de 1990, embora a tendência fosse a de aumentar o espaço cedido à fotografia, evoluindo ao longo das décadas para a reportagem ilustrada. No início do

século XXI, *O Primeiro de Janeiro* continuou a ceder mais espaço ao texto do que à fotografia e *O Comércio do Porto* cultivou, cada vez mais, a tendência de privilegiar a imagem como suporte de informação, deixando até de fazer uso das legendas, quase como se a imagem falasse por si só. No entanto, os três jornais começaram a publicar com menos frequência reportagens com o tema político-social. As razões que expliquem tal facto poderão ser diversas, mas a mais plausível parece ser o uso cada vez maior da Internet no início do século XXI por parte dos leitores para se manterem a par da atualidade política. Aliás, foi no início do século XXI que os próprios partidos políticos começaram a fazer uso da Internet para estabelecer um contacto mais próximo com os seus apoiantes, criando as suas próprias páginas web.

É visível que os três jornais privilegiam o texto e, de seguida, a fotografia. O texto domina o espaço nas reportagens, sendo considerado mais importante do que a imagem. Geralmente, a fotografia aparece, apenas, em auxílio do texto. Os três jornais em estudo são coerentes nesta relação texto/imagem, não usando e abusando da fotografia.

**2.2 Enquadramento da reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos (1974-2004)**

Se a reportagem é, como foi atrás exposto por vários autores, o género nobre e de excelência do jornalismo, é importante perceber como ele é tratado, na prática, pelas redações. Assim, foi analisado o enquadramento da reportagem em face dos restantes géneros jornalísticos, de modo a perceber se a reportagem é, de facto, um dos géneros privilegiado, pelo menos, nos três jornais portuenses em estudo. No seguinte gráfico, é mostrada a evolução deste enquadramento ao longo dos 30 anos.

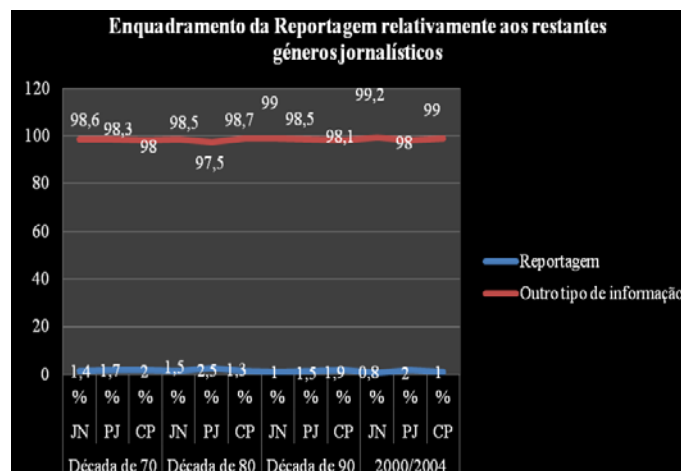


Figura 2.2: Enquadramento da reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – 1974 a 2004

### 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

É visível que, na década de 1970, os três jornais deram muito mais preferência a outro tipo de informação, em termos de número de peças, do que à reportagem. Ainda assim, *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, evidenciaram mais percentagem de reportagens do que o *Jornal de Notícias*, embora essa tendência tenha sido muito pequena ou, até mesmo, pouco significativa. Durante esta década, numa altura em que os jornais e a imprensa em geral saíam de uma época de censura, poderiam as redações estar ainda numa fase de adaptação, sem contar que a reportagem é um género que exige muito tempo, acabando por ser também mais dispendioso financeiramente. Na década de 1980, *O Primeiro de Janeiro* aumentou a produção de reportagens e diminuiu a produção de outro tipo de informação. Também o *Jornal de Notícias* elevou a percentagem de reportagens, ainda que tenha sido um aumento muito tímido. No entanto, é possível perceber que nesta existe um avanço, ainda que muito lento, no sentido de utilizar a reportagem como veículo de informação. Além disso, esta década foi como que ainda um novo começo para a imprensa que, por um lado, tem muito presente um passado ditatorial e, por outro lado, um futuro repentino em que tudo tem de acontecer muito rapidamente para que o país e até as empresas de comunicação social possam acompanhar o desenvolvimento de outros países. Na década de 1990, o *Jornal de Notícias* diminuiu a produção de reportagens e aumentou a produção de outro tipo de informação e, embora os restantes jornais em estudo tenham maior percentagem que o *Jornal de Notícias*, a aposta em reportagens ainda continua a ser pequena e lenta – apenas *O Comércio do Porto* aumentou a sua percentagem relativamente à década de 1980. Tendo em conta que a década de 1990 foi um período de apresentação de novas tecnologias e, sobretudo, do surgimento em Portugal de canais de televisão generalistas e independentes (TVI e SIC), este facto pode ter contribuído para a necessidade das redações dos jornais de apostar em géneros informativos mais imediatos, como a notícia, por exemplo, género que permite contar a novidade fresca e instantaneamente. Nos anos em estudo no início do século XXI, importa salientar um aspecto: estes mesmos anos são apenas dois (2002 e 2004) com interesse em termos históricos do tema em estudo político-social. Nesse sentido, é natural, comparando-os com as restantes décadas, que os números sejam desproporcionais. Ainda assim, dá para destacar *O Primeiro de Janeiro* que, nos dois anos de 2000 em estudo, revelou uma maior percentagem na produção de reportagens em relação aos restantes dois jornais do Porto. Mas é de destacar que, no início do século XXI, em que os jornais se estão a adaptar ao mundo *web*, as atenções se voltam para a produção digital de géneros jornalísticos, uma revolução que se mantém até os dias de hoje, levando-se em conta que os géneros na *web* ainda não estão bem definidos.

O *Jornal de Notícias* é, dos três jornais em estudo, o que publica, em número de peças, o menor número de reportagens ao longo dos 30 anos, mantendo sempre o equilíbrio. Talvez porque a sua tendência como diário obrigue à produção de géneros jornalísticos que saciem de forma rápida o seu público-alvo.

#### 2.3 OS TIPOS DE REPORTAGEM (1974-2004)

Considerando-se o tema político-social das reportagens em estudo, o modo como se aborda o assunto é essencial para o êxito. Nesse sentido, os tipos de reportagem são também a estratégia que conduz ao sucesso do género. Tendo por base a tipologia já definida de reportagens, o gráfico seguinte aponta os mais utilizados pelos repórteres dos três jornais portugueses para contarem a história da qual foram espectadores.

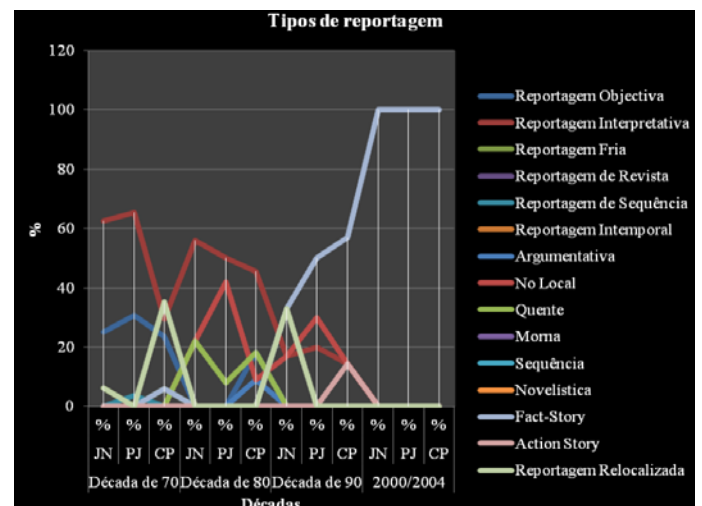


Figura 2.3: Os tipos de reportagem no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – 1974 a 2004

De salientar que a reportagem interpretativa configurou-se, na década de 1970, como o tipo dominante nos três jornais. No entanto, *O Comércio do Porto*, apesar de também ter conferido grande destaque à reportagem interpretativa, deu maior evidência, durante a referida década, à reportagem relocalizada. Aliás, *O Comércio do Porto* foi o jornal que mais variou, durante esta década, no tipo de reportagem, distribuindo as reportagens por objetiva, *fact-story* e reportagem fria, além da interpretativa e da relocalizada. Na década de 1980, o tipo de reportagem dominante nos três jornais continuou a ser a interpretativa. Ressalta-se que, além dos tipos de reportagem quente, no local e interpretativa (comum aos três jornais), uma vez mais *O Comércio do Porto* destacou-se, dividindo as suas reportagens pelos tipos objetiva e



### 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*

argumentativa. *O Primeiro de Janeiro*, a seguir à reportagem interpretativa, deu maior destaque a reportagens no local e o *Jornal de Notícias* dividiu o segundo lugar pela reportagem no local e quente. Durante a década de 1990, o tipo de reportagem com mais destaque nos três jornais foi o *fact-story*, mais usado pelos periódicos *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, uma vez que o *Jornal de Notícias* dividia a sua percentagem com a reportagem realocada. Ainda assim, os três jornais já não se focalizavam apenas num tipo de reportagem, como nas décadas anteriores, repartindo as reportagens, de forma equilibrada, por vários tipos de reportagem, que não somente a objetiva e a interpretativa. *O Comércio do Porto* saiu isolado no uso da *action-story*. Nas únicas reportagens encontradas em 2002 e 2004 sobre o tema político-social, verificou-se que o tipo de reportagem adotado foi o *fact-story*, nos três jornais e a 100%. Portanto, isso significa que a tendência da década de 1990 se manteve no início do século XXI, nos dois anos estudados (2002 e 2004). Uma vez mais, numa era de novas tecnologias de informação, os factos são os que menos exigem em termos literários, pois é o tipo de reportagem que mais se assemelha à notícia, com a técnica da pirâmide invertida, e deste modo, relatando factos, requerendo também menos tempo na sua concepção, factor que muitas vezes inibe as redacções de produzir reportagens.

Em suma, ao longo dos 30 anos em estudo, os três jornais, até a década de 1990, voltaram-se para a reportagem interpretativa, ou seja, além de darem mais destaque ao texto do que às fotografias, os três jornais serviram-se da análise e interpretação dos factos, apresentando-os tal como eram e limitando-se à sua análise. Este tipo de reportagem é típico das reportagens políticas (tema em estudo), já que, em política, é arriscado o uso de uma linguagem mais literária e criativa; além disso, em política, as reportagens servem-se de, por exemplo, números/resultados de sondagens, o que limita a uma escrita interpretativa. Apesar disso, é possível verificar que a reportagem interpretativa atingiu o seu pico na década de 1970 e, daí para a frente, seguiu numa linha descendente. Isto pressupõe um novo paradigma nas redacções portuenses em face da tipologia das reportagens. A partir da década de 1980, ganhou força a reportagem no local, o que é interessante, tendo em conta as características deste tipo de reportagem. Isto poderá significar que, a partir da década de 1980, existiu a vontade de atribuir um carácter mais leve, menos sério à reportagem com o tema “política”. Fruto, talvez, dos novos tempos, já que o passado restringia a liberdade das palavras. O uso da reportagem no local trouxe, assim, o empenhamento na redacção das reportagens, já que o jornalista era convidado a expulsar a rotina da atividade jornalística, conferindo vitalidade às páginas dos jornais. Curiosamente, percebe-se que esta evolução para uma escrita mais livre e “colorida” durou

pouco, sofrendo um retrocesso em finais do século XX e, no início do século XXI, os três jornais começaram a dar primazia às reportagens de factos ou *fact-story*, voltando à reportagem rotineira e recorrendo à técnica da pirâmide invertida e com relato objetivo dos factos. Poderá ser o resultado da revolução tecnológica, que exige a informação em tempo real, em que tudo acontece a uma velocidade estonteante, impondo o acesso imediato ao acontecimento.

#### 2.4 Os temas abordados pelos três jornais nas suas reportagens

Foram considerados para estudo os seguintes temas: política, economia, história, sociedade, cultura, desporto, ciências, mundo, justiça, guerras, saúde, religião, ambiente, educação, moda/beleza, turismo e tragédias. Por política, entende-se no estudo todas as peças de reportagem ligadas a figuras políticas, a ações de campanha, a atos políticos, como o anúncio de novas medidas do governo e outras iniciativas políticas na mesma linha. Por economia, entende-se reportagens cujo conteúdo se debruça sobre o mundo dos negócios e das empresas, bolsa etc. O tema “história” diz respeito às peças de reportagem sobre figuras e acontecimentos históricos e também as relacionadas com histórias de séculos anteriores. Por sociedade, o estudo entende as reportagens que focam figuras conhecidas e festas da sociedade portuguesa, e outras iniciativas que enaltecem o social. Ao tema “cultura” atribuíram-se reportagens relacionadas com exposições, teatro, cinema, música, literatura e artes. Ao desporto dizem respeito as peças de reportagem que evidenciam assuntos sobre as várias vertentes desportivas, como o futebol, ténis, andebol e campeonatos de natação, por exemplo; sobre figuras desportivas etc. Reportagens com teor científico, como descobertas científicas, tecnologias e afins, ficaram entregues ao tema “ciência”. O tema “educação” integra reportagens sobre o universo escolar (professores, alunos, instituições escolares, como universidades, por exemplo etc.). O tema “justiça” envolve assuntos ligados com os tribunais, como julgamentos, por exemplo. Como o próprio nome indica, “guerras” é o tema atribuído às reportagens com conteúdos sobre guerra e outros atos a elas relacionados, como os massacres em Timor e atentados terroristas, por exemplo, dentre outros. Saúde é o tema das reportagens que abrangem assuntos relacionados com a medicina; o tema “religião” foi atribuído às reportagens que falam sobre assuntos relacionados com as várias religiões e doutrinas; ao ambiente dizem respeito as reportagens que abordam questões ambientalistas, como desastres provocados pelo homem que afectem o ambiente, fogos florestais, por exemplo etc.; desfiles de moda e reportagens relacionadas com a beleza física destinam-se ao tema “moda/beleza”; a tragédias destinam-se os desas-



**30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto***

tres naturais, como catástrofes; e, finalmente, relacionadas com o tema “turismo” estão as reportagens que falam de destinos de férias ou que discorrem sobre viagens. No gráfico a seguir, poder-se-á conferir que temas assumiram mais interesse para os três jornais ao longo dos 30 anos em estudo.

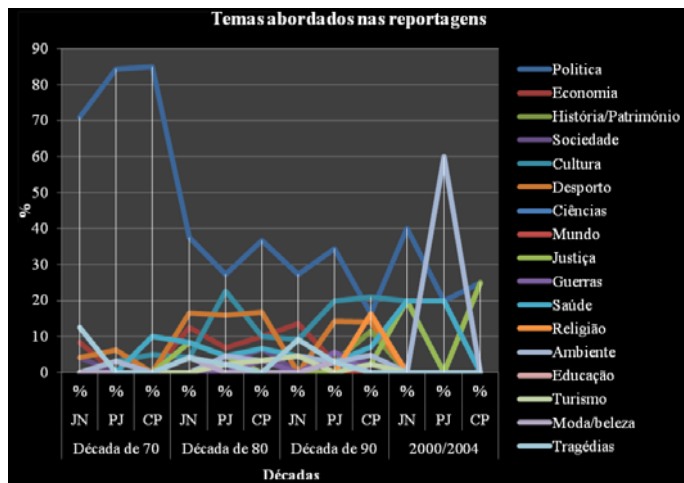


Figura 2.4: Os temas abordados nas reportagens – 1974 a 2004

Os três jornais, durante a década de 1970, pareceram dar maior visibilidade às reportagens com o tema “política”. O *Jornal de Notícias* dividiu ainda a sua percentagem entre “economia” e “tragédias”, enquanto *O Comércio do Porto* dividiu-se entre “saúde” e “cultura”, com mais evidência para o tema “saúde”. O *Primeiro de Janeiro* revelou também uma atração pelo tema “desporto”. No entanto, política foi o tema que, de longe, atingiu o pico mais alto, absorvendo grande parte das redações portuenses na produção de reportagens. De facto, nesta década, tendo em conta o contexto histórico, este era um dos temas mais desejados, tanto pelos jornais como pelos leitores, que, durante tanto tempo, estiveram obrigados a escrever e a ler apenas o permitido. Na década de 1980, começou a surgir a variedade de temas, e os jornais, apesar de cederem ainda muito das suas peças ao tema “política”, já abordavam outros temas, como religião, saúde, ambiente, turismo, cultura, economia e desporto. Aliás, desporto, o tema tão apetecido pelo periódico *O Primeiro de Janeiro* na década de 1970, passou a ser, na década de 1980, seguido por *O Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias*. De destacar a distinção que *O Primeiro de Janeiro* fez pelo tema “cultura”, dedicando-lhe um grande número de peças. O *Jornal de Notícias*, a seguir à política, repartiu ainda a sua percentagem pelo tema “economia”. Esta diversidade surgiu do interesse dos leitores, que estavam a sair de um país fechado, iniciando um percurso no sentido da alfabetização e, portanto, tornou-se num leitor mais curioso e com uma abertura maior a outras questões. Política

continuou a ser, na década de 1990, o tema mais abordado pelos jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias*; no entanto, *O Comércio do Porto* deu maior destaque ao tema “cultura” e repartiu a percentagem pelos temas “política” e “religião”. De resto, os três jornais partilharam de forma mais ou menos coerente as suas peças de reportagem pelos vários temas. A variedade que começou a surgir na década de 1980 intensificou-se na década de 1990, já que o público-alvo passou também ele a ser mais exigente e a olhar para outras vertentes do país que não só a política. O *Jornal de Notícias* continuou a dar superioridade ao tema “política” no início do século XXI, repartindo depois o resto da sua atenção pelos temas “saúde”, “cultura” e “justiça”. Ambiente tornou-se, então, o tema com mais destaque para *O Primeiro de Janeiro*, que partilhou depois o resto da sua percentagem pelos temas “política” e “saúde”. *O Comércio do Porto* mostrou-se coeso na distribuição das suas peças pelos temas “política”, “economia”, “história/património” e “justiça”. De destacar que o tema “ambiente”, embora tímido, começou a surgir com maior intensidade na década de 1990 e a partir de 2000, já que foi nesta altura que surgiram também as grandes propagandas que lançaram a preocupação e fomentaram uma maior conscientização das pessoas para os problemas ambientais.

Ao longo dos 30 anos, o temas mais abordado pelos jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, foi a política. No entanto, este tema surgiu numa linha descendente, perdendo a sua força para outros temas, fruto da evolução da história do país que permitiu aos leitores (cada vez mais habilitados pela formação/educação) adquirir outros interesses, como a cultura, a economia e o ambiente. Não é, portanto, por acaso que os temas “economia”, “cultura” e “desporto” começaram a crescer ao longo dos tempos.

**3. Considerações finais**

Não é possível concluir com certeza se a reportagem é, de facto, a arma secreta para que a imprensa escrita se mantenha de pé no futuro. No entanto, com a sustentação teórica, é possível verificar que muitos autores realçam a importância e as capacidades da reportagem enquanto género jornalístico como meio de atrair os leitores, devido à sua personalidade criativa e à habilidade de aprofundamento dos factos. Ainda assim, no estudo, foi possível verificar que, em 30 anos de passado de três jornais do Porto, a reportagem não configurou um género privilegiado, acabando por deter uma ínfima percentagem em número de peças relativamente a outros géneros jornalísticos. A única conclusão a retirar é que, na teoria, tudo indica que a reportagem poderá ser um género de excelência para resgatar o interesse do leitor pelos jornais impressos, mas, na prática, a história da imprensa escrita (sobretudo a estudada neste caso) parece

**30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, *o Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto***

não “investir” muito na reportagem como género eficaz.

A gestão do espaço que é feita para a reportagem permite também concluir que se investe muito no texto e pouco na fotografia. Até mesmo na era em que começaram a surgir as novas tecnologias, finais do século XX e início do século XXI, os jornais continuaram a privilegiar o texto, não sabendo tirar partido da imagem para informar, já que, cada vez mais, a fotorreportagem ganha novos adeptos. Deste modo, pode tirar-se a seguinte conclusão: os jornais em estudo adaptaram-se de forma muito lenta às novas realidades, aos

novos paradigmas. Na reportagem escrita, há que dosear q.b. texto e imagem de modo que os dois se complementem com peso e medidas iguais, sem que um anule o outro.

O tema que mais interessa aos três jornais é a política; no entanto, é possível concluir que este tema pareceu perder terreno, ao longo dos anos, para outros temas, como cultura, desporto e ambiente. Este resultado é fruto de uma sociedade que percorre um caminho no sentido da literacia e da capacidade crítica conquistada a partir da formação do público-alvo, que deixou de ser analfabeto.

**4. Referências**

ARAÚJO, Matilde Rosa Lopes. *A reportagem como género – génese do jornalismo através da constante histórico-literária*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1946.

ARRANZ, Fermín Galindo. *Guía de los géneros periodísticos. Santiago de Compostela: Andavira, 2000.*

BOUCHER, Jean-Dominique. *Técnicas de jornalismo, a reportagem escrita*. Lisboa: Inquérito, 2004.

CAMPOS, Jorge. *A caixa negra*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994.

FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. *Comum*, v. 9, n. 22, p. 144-155, Rio de Janeiro, janeiro/junho, 2004.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas – Oficina Editorial, 2004.